

APRESENTAÇÃO

A Revista Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea, hoje, no Brasil e no mundo

Maria Lucia Guimarães de Faria*

Com algum atraso, ocasionado por motivos operacionais diversos, trazemos a lume nossa edição de número 31, referente ao ano de 2024. Compensamos o atraso com a qualidade de sempre e um volume bastante variado no escopo dos trabalhos que o integram.

Como as leitoras e os leitores poderão conferir nos textos eles mesmos e nos breves parágrafos que, abaixo, dedico a cada um, os ensaios versam sobre a violência aos povos originários, sobre a problemática dos gêneros literários, sobre o racismo estrutural, sobre a transposição de obras literárias para o cinema e sobre o vírus da Covid-19, curiosamente tornado autor de sua própria narrativa.

A entrevista com o romancista Vinícius Neves Mariano, centrada em seu livro *Velhos demais para morrer*, traz o que, à primeira vista, pareceria um paradoxo: um escritor muito jovem às voltas com o etarismo. Habitado, no entanto, a ouvir os velhos desde muito pequeno, e com eles aprender, Vinícius tem argumentos

* Professora Associada de Literatura Brasileira da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

sólidos e lúcidos para lançar um alerta quanto a essa outra problemática atualíssima.

As resenhas lidam com livros de lançamento bastante recente e mapeiam os elementos essenciais que os constituem, não só apresentando um rápido exame crítico como também despertando o interesse das leitoras e leitores nas obras. A primeira delas atravessa diferentes momentos da história brasileira; a segunda oferece a Machado de Assis e a José de Alencar a oportunidade de testemunharem *in loco* o mundo de hoje; a terceira e última chama ao palco a figura normalmente esquecida e ignorada do revisor.

Um ponto, no entanto, os trabalhos têm em comum: a aguda consciência humana e social atenta às injustiças e desigualdades e voltada às pautas da diversidade, da inclusão e da generosidade. Como sempre tem sido desde o nosso primeiro número, a Revista *Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea* se mantém fiel às causas minoritárias que defende, o que se mostra cada vez mais urgente nos tempos que vivemos, quando, por exemplo, o presidente de uma única nação se aclama por si mesmo imperador do universo e, entre outras atrocidades, se acha no direito de abolir a transgeneridade.

André Rezende Benatti e Daniel Barros Liberato abrem nossa seção de ensaios com o estudo “‘Progresso’ e desumanização no romance *A morte e o meteoro* (2019), de Joca Rainers Terron”. Explicitando as linhas-mestras do livro, cujo foco é a extinção do povo indígena kaajapukugi, os estudiosos evidenciam a denúncia, levada a cabo por Terron, de “outremização”, processo pelo qual “o discurso imperial fabrica o outro”. Não somente é o

outro – o indígena – alienado de sua condição de ser humano e reduzido a mero objeto passível de exploração predatória, como despojado do protagonismo de suas lutas, cooptadas pelo homem branco que delas se torna o centro. Benatti e Liberato demonstram como os incisivos da Constituição Brasileira voltados para a proteção dos povos originários são, na verdade, praticados às avessas. A defesa das “causas humanitárias” e a bandeira do “progresso” podem não ser mais que ardis que expropriam os grupos indígenas e os deixam à mercê da violência, do mandonismo e de interesses espúrios.

Se, enalçando os passos do romance estudado, o primeiro ensaio faz grave denúncia e se opõe a práticas perversas, endossando uma forma de resistência, o segundo ensaio se devota a um romance que tem justamente esse título. Em “Sobre *A resistência*, de Julián Fuks: reflexões sobre memória, trauma e realidade”, sem pretender atrelar o romance a um gênero específico, os pesquisadores Everton Vinicius de Santa e Leandro Scarabelot empreendem uma ampla discussão sobre algumas modalidades de escrita que podem ser entrevistas nas páginas de Fuks. *A resistência*, que conquistou importantes prêmios nacionais e internacionais, tem algo de escrita autobiográfica, de autoficção, de história das ditaduras brasileira e argentina, de memória individual, memória coletiva, memória da memória dos outros e ficção da memória, de “ilusão referencial” (Barthes) e “realismo do trauma” (Schøllhammer), de reflexão sobre o romance e de metaficção historiográfica, embora extrapole todos esses gêneros e categorias e não se confine em nenhum deles. O próprio Fuks aventa o termo “pós-ficção”, que os ensaístas,

entretanto, veem com reservas, entre outras razões em virtude da vaguidão do prefixo “pós” e do caráter já inerentemente híbrido da ficção. Fato é que o leitor desse ensaio acompanhará um debate atual travado com seriedade e ótimo suporte teórico.

Também ultrapassando as fronteiras de gênero, João Felipe Rodrigues, em “Sonhos de liberdade em *O avesso da pele*”, propõe um proveitoso diálogo entre um livro de ficção e um de não ficção, porque os percebe irmanados por propósitos comuns. Frente a frente, são colocados o premiado romance de Jefferson Tenório e o livro *Freedom Dreams*, do professor de História Americana da Universidade da Califórnia (UCLA), Robin Kelley. Aproximam-nos, no entender do ensaísta, a situação que os deslancha e motiva – o assassinato de homens negros por policiais –, a denúncia do racismo estrutural e a meta de examinar o passado para conhecer o presente e projetar um futuro melhor, livre dos “pesadelos fascistas”, na expressão do historiador. Numa narrativa complexa, que contém uma ficção dentro da ficção, com dois planos narrativos, o do inventor e o do inventado, Pedro, o narrador de *O avesso da pele*, inventa seu pai após a perda brutal, numa narrativa que se processa majoritariamente na segunda pessoa do singular, a ele se dirigindo, mas fundamentalmente endereçando-se a si mesmo, como conclui Rodrigues, num processo de reconstrução pessoal. É nesse ponto, sobretudo, em que um “sonhar” se torna viável, que o romance se encontra com o livro de história, conforme o leitor testemunhará acompanhando de perto as reflexões do articulista.

Em nosso quarto ensaio, o leitor se deparará mais uma vez com um diálogo, não intergêneros, mas interartes. Em “O

medo mora nas pupilas': o olhar sonoro do trauma em *As meninas* de Lygia Fagundes Telles e *As meninas* de Emiliano Ribeiro”, Thiago Franklin de Souza Costa coteja o romance de Lygia, de 1973, com a versão para cinema realizada pelo cineasta Emiliano Ribeiro, em 1995. Costa inicia o seu estudo mostrando que, por meio da situação narrativa personativa, Lygia faz da consciência de suas protagonistas, atormentadas por traumas e conflitos de vária ordem, o palco dos eventos narrados. Aí reside a dificuldade de uma transposição para o cinema. Como transformar um drama mental narrado em algo apreensível por lentes? Afirmando que, no deslizamento do literário para o cinematográfico, o cineasta não procura adaptar o romance de Lygia, mas reinventá-lo na linguagem fílmica, o estudioso percebe que o grande trunfo do filme está na captura do olhar. Aliado à exploração engenhosa dos enquadramentos e dos jogos de sombra e luz, o olhar alcança uma dramaticidade que supre, em alguma medida, a ausência das minudências narrativas.

Nosso último ensaio aborda um evento recente e traumático que paralisou a vida do planeta durante os anos de 2020 e 2021. Em “Figuração do vírus da Covid-19 na produção literária contemporânea: uma análise de ‘Carta Aberta’, de Martim Butcher”, depois de tecer algumas considerações sobre a literatura brasileira contemporânea na companhia de teóricos como Beatriz Resende, Zygmunt Bauman, Giorgio Agamben e Karl Erik Schøllhammer, as pesquisadoras Vanderléia da Silva Oliveira e Maria Eduarda Oliveira de Souza tomam como objeto de análise o conto mencionado no título do ensaio, incluso no primeiro de três volumes chamados *Contos da quarentena*, reunião de sessenta e oito textos seleciona-

dos a partir de um concurso literário promovido pela TV 247, em colaboração com a Kotter Editorial e o grupo Martins Fontes. A peculiaridade do conto “Carta Aberta”, que motivou as estudiosas, é que o autor faz do próprio vírus o narrador e sujeito do discurso, que se vale da oportunidade para, numa espécie de “manifesto”, como dizem as ensaístas, expondo o seu próprio ponto de vista, argumentar e defender-se perante a humanidade.

Nossa entrevista, cujo título é uma frase do entrevistado – “Quem é pessimista não luta” –, traz um escritor que é fruto, também, de um diálogo, agora intermediático. Vinícius Neves Mariano, autor mineiro radicado em São Paulo, iniciou sua carreira no mundo audiovisual, ingressando posteriormente na literatura, mas mantendo a interface entre os dois universos, como demonstra seu *Nenhum futuro próximo*, livro de contos postados no Instagram. Estreou com o romance *Empate*, em 2015, mas consagrou-se com a obra *Velhos demais para morrer*, ganhador do Prêmio Malê, em 2019, e um dos cinco finalistas do Jabuti, em 2021. É a este romance, que explora com sensibilidade, agudeza e contundência o problema do etarismo, que as entrevistadoras Vanessa Massoni da Rocha e Luciely da Silva dirigem a sua atenção. Conduzido por elas, o escritor explica o processo de ideação e composição do livro, que necessitou que os personagens ganhassem vida para lhe indicar o rumo da trama narrativa, reflète sobre o gênero distópico que lhe pareceu o mais propício à história que queria contar – a distopia “é um disfarce de futuro do que a gente está vivendo” –, aborda as diversas problemáticas que se entrecruzam com o tópico principal, e conclui com a constatação da necessidade de “ouvir o tempo”, prática que

enseja e requer a participação justamente dos velhos com seu vasto cabedal de memória, sabedoria e experiência.

Nossas duas primeiras resenhas se tocam em alguns pontos. Thaís Velloso, em “O passado que marca o agora”, apresenta o segundo romance de Carlos Eduardo Pereira *Agora agora* (Todavia, 2022), que reúne três homens de mesmo nome, diferenciados pelos epítetos “Filho” e “Neto”, a lidar com três épocas distintas do Brasil. O primeiro da linhagem, Jorge Ferreira, está inserto num período que vai do pós-abolição até os anos 1940. Sua vida é profundamente entrelaçada ao Carnaval, particularmente ao bloco “Unidos da Saudade”, posteriormente alçado a escola de samba. Por intermédio do “Filho”, o final da década de 1980 comparece nas páginas do livro, mas é o “Neto” que catalisa o romance, não só por atuar como narrador, mas também por trazer temas e debates prementes e recentes em nossa sociedade, uma vez que vivencia o auge do governo bolsonarista, de triste memória. Como destaca a resenhista, a temática que permeia as três partes e entrelaça as três vidas é o racismo e as discussões que motiva, entre elas o colorismo e as cotas raciais.

Em “A vida futura, de Sérgio Rodrigues: uma tradição literária encara seus impasses”, antes de chegar ao romance que constitui o foco de sua resenha, Dankar Bertinato Guardiano de Souza transita por dois romances do autor, o famoso *O dribble* (2013) – que tem o futebol como centro e também reflete sobre os “Brasis” na perspectiva de um pai e um filho de mesmo nome –, e *A visita de João Gilberto Noll aos Novos Baianos* (2019), em que o autor manifesta uma característica relevante de sua obra que é o aproveitamento de formas literárias populares, como o *thriller*.

Esse rápido recenseio é uma estratégia sagaz adotada pelo resenhista, porque, quando chegamos à obra visada, já nos familiarizamos com alguns modos de ser da literatura de Rodrigues. *A vida futura* põe em cena os espíritos de Machado de Assis e José de Alencar que baixam de volta à terra preocupados com o projeto de reescrita de suas obras idealizado pela professora Stella MacGuffin Vieira. Como descortina o resenhista, “MacGuffin” é o nome hitchcockiano para o acontecimento que deslança uma trama, mas é, em si mesmo, irrelevante. Importante, de fato, é o debate provocado pela visita desses dois clássicos ao mundo de hoje e o choque por eles experimentado diante da defasagem entre suas obras e a realidade que já não abarcam, mote que enseja ao romancista uma reflexão sobre o estatuto da ficção em geral. O debate racial em torno do próprio Machado também é oportunamente trazido à baila.

Ao tecer considerações sobre *O dribble*, Dankar de Souza menciona que um de seus protagonistas, o “Neto”, é um “revisor fracassado”. As razões para o fracasso não são explicitadas, mas essa observação nos dá a deixa para examinar nossa última resenha. É possível que a situação decorra de uma conjuntura de fatores evidenciados com muita felicidade por Cláudia Leão de Carvalho Costa e Mateus Esteves de Oliveira. O título já entrega o assunto: “Ofício de revisor: implicações para o primor da obra”, resenha dedicada ao livro *Além da gramática* (Artigo A, 2021), coletânea de ensaios organizada por Ana Elisa Ribeiro e Márcia Regina Romano. Como sugere o título do livro resenhado, a revisão extrapola a “mera assunção do texto aos rigores gramaticais”, no dizer dos resenhistas, uma vez que a operação

revisora não deve negligenciar “questões políticas, ideológicas, comerciais, culturais e sociais”, que “também interferem no estado e na condição da publicação de uma obra” e fazem do revisor um “mediador de palavras”, a meio caminho entre um “super leitor” e um “quase autor”. A partir desses pressupostos, os resenhistas visitam cada um dos ensaios do livro, que lançam um olhar novo e revelador sobre vários aspectos do ofício de revisor, tirando da sombra esses operários invisíveis e desconsiderados, cujo trabalho, no entanto, é imprescindível para o melhor acabamento de uma obra.